

## A FEBRE AMARELA EM CAMPINAS

Odilon Nogueira de MATOS

É sabido que em fins do século passado Campinas foi assolada por terríveis epidemias de febre amarela. Os ecos dessa catástrofe chegaram até aos nossos dias, o que significa que perduraram por um século. Tornou-se lugar comum no trato do passado campineiro, ponto de referência de uma periodização na crônica da cidade, como se dissesse "antes" e "depois" da febre. Passou para o domínio da lenda e do populário, obnubilada sempre pela falta de dados concretos sobre o que realmente ela significou. Mas, descontados os exageros que eventos similares sempre propiciam, seria inútil querer esconder suas conseqüências. Representou uma catástrofe na vida de uma cidade considerada a "capital agrícola" de São Paulo e que tudo indicava seria capaz, quem sabe, até de suplantar a própria capital do Estado. As epidemias passaram a representar um "capitis diminutio" na vida e no próprio sentimento dos campineiros. Só não abandonou a cidade quem não pôde sair. Um colégio famoso julgou necessário transferir-se para uma cidade do sul de Minas, ao abrigo da epidemia.

A hecatombe campineira ecoou pelo país todo, merecendo registros especiais da imprensa em geral, particularmente na do Rio de Janeiro, que se movimentou toda para socorrer nossa cidade. E a edilidade, reconhecida, homenageou a "Imprensa Fluminense" dando este nome ao principal jardim da cidade. Nome que perdurou até há pouco, quando foi criminosamente substituído pelo de um famoso poeta e compositor, mercedor, sem dúvida, da homenagem, mas cujo nome poderia ser atribuído a qualquer uma das centenas de ruas ainda sem denominação. Sinal dos tempos... e sinal sobretudo da ignorância da história campineira por parte de quem cometeu tal injustiça, apagando de maneira tão impensada o já centenário tributo à imprensa do Rio de Janeiro.

Muito se escreveu sobre a febre amarela: crônicas, reportagens, quase tudo com muito pouco fundamento. Até um romance foi por ela sugerido e anunciou-se que também uma ópera seria composta com base nesse romance...

Mas, como "a quelque chose malheur est bom", da hecatombe do século passado resultou notável trabalho de saneamento da cidade, dirigido por grandes sanitaristas (Emílio Ribas, Saturnino de Brito...), responsável por que Campinas se tornasse um dos locais mais salubres do Brasil. E com o saneamento, o próprio ressurgimento da cidade, num processo que não cessou mais. E esta idéia do ressurgimento tornou-se a razão de ser do espírito campineiro. Tanto que a própria figura mitológica da Fenix renascendo das próprias cinzas, tornou-se o brasão da cidade.

Entretanto, com todo o seu interesse, com todas as suas implicações, precisamos esperar cem anos para termos um estudo histórico de real significação sobre a tão falada, mas muito pouco sabida epidemia que assolou nossa cidade. Abalçou-se a essa tarefa o médico e historiador Lycurgo de Castro Santos Filho. Campineiro de adoção, pois veio para Campinas ainda muito moço, pouco depois de formado pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, portador de excelente folha de serviços à comunidade que escolheu para o desempenho de suas atividades, tanto no terreno cultural como no social, tornou-se reconhecido em todo o país pelo seu livro sobre a história da medicina no Brasil publicado em 1947. Obra que, consideravelmente ampliada e atualizada para uma recente reedição (1991) tornou-se praticamente um novo livro. Mas, não foi só à história da medicina que o autor se dedicou ao longo de sua abençoada existência: também à história da cultura, da literatura, da arte e à história social.

Tenho o privilégio de tê-lo como "confrade" em diversas entidades culturais - pelo menos três Academias e dois Institutos Históricos - o que me propiciou a oportunidade de acompanhar sua obra, através não só de livros, mas também em eruditos trabalhos estampados em publicações culturais da mais variada natureza. Deve-lhe a Academia Campinense de Letras o que ela veio a ser, pois foi seu presidente por dezesseis anos; consolidou-a, fazendo do sodalício campineiro uma das instituições mais prestigiosas, no gênero, em todo o país. Presidiu a Academia Paulista de Letras, a Academia Paulista de História e o Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo; este dignificou-o merecidamente escolhendo-o seu presidente honorário. Vocacionado para a pesquisa histórica e tendo dela a noção exata de como deve ser, demonstrou-o em divesos trabalhos de história social, notadamente no modelar estudo sobre uma comunidade rural do Brasil antigo, acolhido pela prestigiosa coleção

"Brasileira" (1956) e para o qual utilizou convenientemente precioso arquivo de família.

Pois foi Lycurgo de Castro Santos Filho, com todas essas credencias, quem, um dia, decidiu-se a debruçar sobre a febre amarela de Campinas, tão falada e tão pouco sabida, escrevendo-lhe a história. Pesquisa exaustiva, que lhe consumiu vários anos, em fontes as mais diversas, das quais soube tirar o substancial para o seu propósito, produzindo uma obra fundamentada em documentos e não sepultada sob os documentos, como com freqüência ocorre. Livro que, certamente, marcará época na bibliografia histórica brasileira.

(Nota de apresentação do livro **A febre amarela em Campinas: 1889-1900**, de Lycurgo de Castro Santos Filho e José Nogueira Novaes. Campinas, Centro de Memória - Unicamp, 1996. Coleção "Campiniana", vol. 2)